

O MESTRE ESQUECIDO

Esboço para um perfil de

PLÍNIO SUSSEKIND ROCHA

Hoje quase ninguém fala de Plínio Sussekind Rocha (1911-1972). Alguns poucos terão ouvido esse nome, e desses, a maioria o associa aos estudos da Física no Brasil, onde realmente se destacou e marcou nome no Rio de Janeiro. Seu único livro publicado (*A mecânica de Dalemberbert*, 1962) é uma tese de doutorado. Mas esse misto de cientista e pensador foi também fundamental para o cinema brasileiro, pelo menos quatro vezes em quatro décadas, criando o primeiro cineclube, revelando o cinema ao fundador da primeira cinemateca, salvando da destruição a obra-prima de um amigo e estimulando jovens cineastas.

Para os iniciados, seu nome remete ao Chaplin Club, o primeiro cineclube (com estatuto e tudo), e a *O Fã*, a primeira publicação brasileira dedicada à estética do cinema - ambos surgidos em 1928. Foi uma idéia sua, imediatamente endossada por seus colegas do colégio Santo Antonio Maria Zaccarias, Otávio de Faria e Cláudio Mello, e mais Almir Castro, que era do Santo Inácio. Os primeiros números foram dominados por uma polêmica iniciada por Plínio, que fez uma crítica desfavorável de *Aurora*, de Murnau, cuja montagem "descritiva" é comparada desfavoravelmente à montagem "rítmica" dos filmes de King Vidor. A posição contrária foi ardentemente defendida por Otávio e Almir. O nível da discussão é muito alto, e surpreende por seus protagonistas serem adolescentes com menos de 20 anos. A colaboração de Plínio em *O Fã* não é muito numerosa, e nela se destacam as análises de dois clássicos: *Flesh and the devil*, de Clarence Brown, com John Gilbert e Greta Garbo, e o hoje desaparecido *The patriot*, de Ernest Lubitsch, com Emil Jannings. Como todos os membros do Chaplin Club, ele também cultuava o cinema silencioso (arte pura), desprezando o sonoro, considerado vulgar. Exatamente no momento em que o primeiro era definitivamente superado pelo segundo.

Engana-se quem achar que por pregar a estética acima de tudo, *O Fã* tenha desprezado o cinema nacional. *Barro humano*, de Adhemar Gonzaga, e os primeiros longas de





Humberto Mauro foram recebidos com toda simpatia. Sobre esse último há um interessante e curto depoimento referente à estreia de *Brasa dormida* em 1929: “Plínio Sussekind Rocha me contou que, desde a primeira vez, ficou claro para ele e seus amigos que estava ali um homem de uma dimensão que o destacava do meio cinematográfico brasileiro que se aglutinava no Rio” escreveu Paulo Emílio Salles Gomes em *Cataguases, Cinearte* (1974).



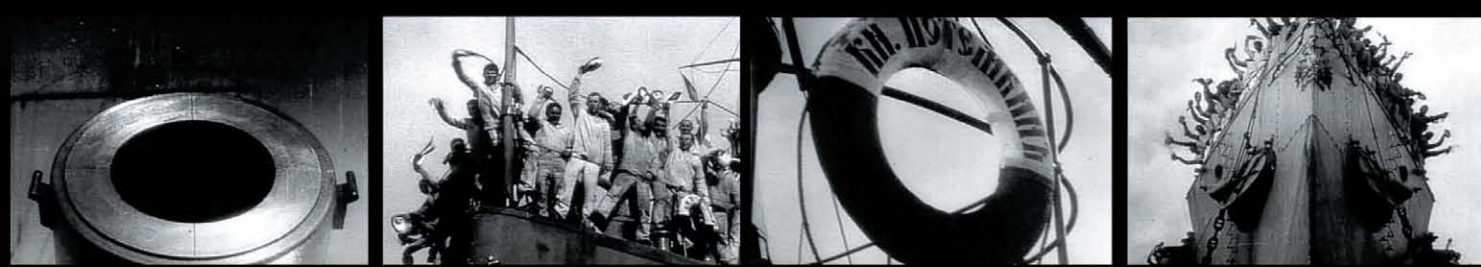
E continuando: “mas cabe perguntar agora o que poderia significar para o Humberto de então aqueles jovens intelectuais que falavam e escreviam coisas que certamente nem sempre ele compreendia.” Lembremos a pouca idade e origem social privilegiada e urbana dos quatro amigos cineclubistas, enquanto Mauro, provinciano de Cataguases, já tinha 32 anos e não era um intelectual. O grande resultado prático das teorias do Chaplin Club foi sem dúvida *Limite*, de Mário Peixoto, 21 anos, outro colega do colégio, cuja primeira (e única) exibição pública aconteceu em maio de 1931 no cinema Capitólio, na Cinelândia. *O Fã* já não existia há cerca de um ano. A transformação dessa obra vanguardista num mito cinematográfico, durante décadas muito comentado e pouco visto, deve muito ao Plínio, como veremos adiante.

O físico alemão Bernhard Gross, recém-chegado ao Brasil e empregado no Instituto de Física, nos dá boa pista sobre o outro lado desse cinéfilo e cineclubista. “Em março de 1934 apareceu o diretor do instituto com um rapaz de 20 e poucos anos que queria trabalhar como meu assistente. Era o Plínio Sussekind Rocha, professor de física de uma escola pública em Marechal Hermes. Ele viajava todo dia naqueles trens da Central, que ainda nem eram eletrizados. Devia ser um esforço grande. Verifiquei logo que tinha uma grande visão e tive ótimas relações profissionais e pessoais com ele” (Canalciencia/ibict.com). Há testemunho também de sua admiração por *A decadência do ocidente*, de Oswald Spengler, e por Julien Benda, filósofo anti-Bergson, futuramente um reacionário de esquerda, stalinista fiel. Entre 1937 e 41, fez especialização em Filosofia da Ciência na Sorbonne, sob a orientação de Abel Rey, filósofo positivista. Tinha 26 anos e uma vida pela frente.

Lembremos que a França estava, desde 1936, governada pela Frente Popular, reunião das forças progressistas aglutinadas pelo Partido Comunista, que, entretanto, não participava diretamente do poder. A extrema direita era muito forte, e eram frequentes os confrontos nas ruas. Por dois anos o chefe de estado foi Leon Blum, um socialista de origem judaica, que conseguiu aprovar a jornada de 40 horas semanais, as férias pagas e outros benefícios para a classe operária. Foi um período de euforia, muito bem representado no cinema pelo realismo humanista dos filmes de Jean Renoir, *Le crime de monsieur Lange*, *La grande illusion*, *La marseillaise*. No panorama internacional, havia a Guerra Civil Espanhola, vencida pelos fascistas. Mais tarde, a Frente foi dissolvida, e chegou ao poder Édouard Daladier, do Partido Radical, o mesmo que, ao lado de Hitler e Mussolini, assinou em 1938 o Acordo de Munique, entregando a Tchecoslováquia aos nazistas. Para o início da II Guerra foi uma questão de meses.

Essa estada de Plínio em Paris acabou sendo de suma importância para os estudos de cinema no Brasil, pois lá





conheceu Paulo Emílio Salles Gomes, 21 anos, de ilustre família paulistana, abrigado em Paris depois de dois anos de prisão, vítima da repressão que seguiu a Intentona Comunista de 1935. Foi Plínio, frequentador do *Cercle du cinéma* de Henri Langlois (embrião da Cinemateca Francesa, fundada nessa mesma época) quem, usando a linguagem popular, fez a cabeça de Paulo Emílio para amar o cinema. Os dois conviveram dois anos na capital francesa. “Vou me lembrar daquela noite em que Plínio Sussekkind Rocha, com ares de quem não queria nada, me levou para ver *Outubro* de Eisenstein, naquela sala abafadíssima, onde não havia lugar para nossas pernas” escreveu Paulo Emílio na revista *Clima* em junho de 1942. E mais. “Não há dúvidas de que as fitas do russo (Eisenstein) e do inglês (Chaplin), assistidas na companhia de Plínio Sussekkind Rocha e por ele comentadas, tenham aberto o meu espírito para o cinema” (*Impressões cariocas*, Suplemento Literário, O Estado de São Paulo, 29.08.59). “Tudo mudou temporariamente quando fui iniciado em cinema pelo meu mestre Plínio Sussekkind Rocha” (*Chaplin e o cinema*, Suplemento Literário, O Estado de São Paulo, 11.09.65). Paulo Emílio, fundador e principal animador da Cinemateca Brasileira (criada apenas em 1946), sempre reconheceu que sem Plínio tudo teria sido muito diferente.

A colaboração entre os dois prosseguiu no Brasil, onde em 1942 Plínio se tornou catedrático de Mecânica Racional, Mecânica Celeste e Física Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio. Segundo afirma Benedito J. Duarte num artigo no *Estadão* de setembro de 1967, Plínio e Paulo Emílio “em plena era ditatorial de Vargas, haviam comprado em Minas uma cópia de *O encorajado Potemkin*, achada nos porões de um antigo distribuidor cinematográfico, Thiers B. Concelho. O filme foi projetado clandestinamente em São Paulo pelo próprio Paulo Emílio, um dos fundadores do primeiro Clube de Cinema, lá pelos idos de 1940.” Nessa mesma época houve uma reaproximação com Mário Peixoto, na célebre sessão de *Limite*

organizada por Vinicius de Moraes para Orson Welles e Renée Falconetti, a atriz de *A paixão de Joana d’Arc*. A partir de então ele e o filme não vão mais se separar.

Entre 1943 e 1959 ele exibiu uma vez por ano, no salão nobre da Faculdade de Filosofia, a única cópia de *Limite*. Depois da morte do fotógrafo Edgar Brasil em 54, essas latas foram levadas para a faculdade, onde ficaram por uma década. A deterioração do nitrato fez com que cada vez se exibissem menos partes, e toda uma aura de mistério cercou a fama do filme, já maldito pela linguagem experimental e anticomercial. Assim surgiu o Clube de Cinema da Filosofia. Só passava coisa fina, como *Mulheres de Ryazan*, uma raridade soviética de 1927, dirigido por Olga Preobrazhenskaya, cuja temática é o amor livre. Saulo Pereira de Mello, um dos alunos e seguidores de Plínio, revela num depoimento a José Carlos Avellar que além de *Limite*, eram muito exibidos também *A mãe*, de Pudovkin, e o *Potemkin*: “os três filmes costumavam ser exibidos juntos, algumas vezes numa sessão contínua, numa espécie de maratona do cinema mudo para que melhor pudéssemos estudar o filme de Peixoto”.

Plínio Sussekkind Rocha tinha em grande conta o diretor de *Limite*, e mais de uma vez procurou viabilizar sua volta ao cinema. Ainda em 1950, por intermédio do crítico Almeida Salles, procurou Alberto Cavalcanti na recém-criada Vera Cruz com um novo roteiro de Mário, *A alma segundo Salustre*. Proposta recusada. A produtora paulista fazia uma produção industrial para exportação, e o roteiro, publicado muitas décadas depois, é pura vanguarda. Na única entrevista que Plínio concedeu na vida, na revista francesa *L’âge du cinéma*, em 1952, o tema é *Limite*, descrito com minúcias de admirador irrestrito. Assim, quando viu que o tempo ia destruir a obra-prima, tomou para si a missão de salvá-la. O eleito para a tarefa de restauração foi o Saulo. O trabalho durou uma década e terminou em 1969, quando o filme pôde ser novamente visto na sua integridade.



Limite (na página ao lado Mário Peixoto em cena do filme).

Voltemos ao Clube de Cinema, em torno do qual se reuniam, além de Saulo, Leon Hirzman, Marcos Farias, Miguel Borges, Paulo César Saraceni e Joaquim Pedro de Andrade. Este último, aluno de Plínio, numa entrevista a Silvia Bahiense (arquivo Filmes do Serro), conta que “a gente começou a fazer filme mudo em 16 mm. Em geral nos filmezinhos a gente variava, fazia ator, diretor, produtor, fotógrafo e a maioria dos filmes não acabava. A gente produzia o primeiro copião e desistia. Era um desastre tal que não continuávamos. Segundo o Marcos Farias, *O ferroviário*, que era grande, foi até o fim.” Saraceni, no seu livro de memórias *Minha viagem dentro do Cinema Novo*, também fala desse período. Conta a experiência frustrada de um filme de Saulo, adaptado do volumoso romance *Les Thibault*, de Roger Martin de Gard, cuja minuciosa decupagem descreve como “metralhadora.” Lembra também sua primeira tentativa, em 1958, *Caminhos*, com personagens tirados do romance *O lodo das ruas*, de Otávio de Faria. Também ficou inacabado. Mas Saraceni dá a essas experiências uma importância não percebida antes por mais ninguém. Segundo ele, a turma do Clube de Cinema da Filosofia foi “o primeiro grupo do Rio de Janeiro a formar o que viria a ser chamado de Cinema Novo.” Quando, poucos anos depois, em 62, Joaquim Pedro, depois de alguns curtas, estreou no longa com o documentário *Garrincha, alegria do povo*, Plínio escreveu um texto inédito, que termina numa laudação entusiástica. “Tenha ou não começado o cinema brasileiro, já se deve falar em três e não mais em dois nomes brasileiros na história do cinema” (Filmes do Serro). Os outros dois eram Mário Peixoto e Humberto Mauro. Ainda não havia Glauber, e passava por cima de Nelson Pereira dos Santos.

Com o golpe militar de 1964, a Faculdade de Filosofia foi considerada foco subversivo da esquerda radical. Em 1966, por causa do *Potemkin*, os filmes do Clube de Cinema foram apreendidos pelo Exército, e nunca devolvidos. Em dezembro de 1968, o Ato Institucional nº 5, além de fechar o Congresso e instaurar a censura à imprensa, “aposentou” compulsoriamente muitos professores. Plínio Sussekind Rocha foi um dos atingidos, na mesma leva de Bolívar Lamounier, Eulália Lobo, Florestan Fernandes, Manoel Maurício, Roberto Accioly e outros tantos. Veio a falecer pouco depois, em agosto de 1972, aos 61 anos, durante uma operação do coração.

Mesmo um simples esboço de perfil não pode carecer de informações sobre a vida pessoal do retratado. O que não é fácil quando este é discreto, e mais ainda os amigos que lhe sobreviveram. Mas há pistas. No elogio fúnebre, Paulo Emílio fala que “havia as mulheres e o amor”, e depois reitera, “a maior (satisfação), o amor, nunca lhe faltou.” Há informações de uma preferência por mulatas carnudas. Casou duas vezes, teve uma filha do primeiro casamento. Carioca de Copacabana, praticava uma boemia discreta. Numa crônica de Vinicius de Moraes (*A hora azul*, Última Hora, dezembro de 1952) o localizamos numa roda de chope no bar Amarelinho. Ex-alunos falam, encantados, da facilidade como, nas suas aulas, saltava de um tema científico para um filme, sem perder a linha de pensamento. Além de Chaplin, Eisenstein e Peixoto, tinha uma surpreendente admiração por Sam Wood, cineasta americano hoje pouco lembrado. A melhor descrição de sua personalidade pode ser de Joaquim Pedro: “Era uma figura sensacional, muito inteligente, muito aberta... de grande cultura geral... muita sensibilidade e também muito radical nas aproximações teóricas... de maneira que sempre exerceu muita influência.”

É preciso voltar a falar de Plínio Sussekind da Rocha, já que se aproxima o centenário de seu nascimento. Saulo Pereira de Mello finaliza um livro sobre o seu pensamento cinematográfico, *O exercício racional de uma paixão*. E Paulo César Saraceni anuncia um filme de ficção sobre o Chaplin Club. Mas ainda é pouco.

